



Academia Volta-redondense de Letras

Cuidar do corpo-poema: um olhar humanizante para o cuidado

Giovani Miguez

O corpo, em sua essência, revela-se como um poema inacabado, tecido em silêncio pela própria existência. É um texto vivo, pulsante, que narra histórias de alegrias, dores, encontros e perdas. Contudo, as ciências da saúde, em sua busca por desvendar os mistérios desse corpo-poema, por vezes o reduzem a um conjunto de dados objetivos e biologizantes, negligenciando a subjetividade que o habita, a melodia que o embala.

Susan Sontag, em sua obra "A Doença como Metáfora", convida-nos a refletir sobre como as palavras que utilizamos para descrever o corpo doente moldam nossa percepção da enfermidade e do indivíduo que a carrega. O corpo, então, transforma-se em um palco de metáforas, onde a tuberculose sussurra romantismo e o câncer clama por um cruel estigma. Essas narrativas, frequentemente carregadas de preconceitos, obscurecem a singularidade de cada corpo-poema, aprisionando-o em representações simbólicas.

Jean-Claude Bernardet, em "O Corpo Crítico", confronta-nos com a urgência de resgatar a autonomia deste corpo-poema. Em sua decisão de interromper o tratamento, o autor reivindica o direito de ser o protagonista de sua própria história, recusando-se a ser apenas um objeto nas mãos do sistema médico. Bernardet recorda-nos que o corpo não é apenas um receptáculo de doenças, mas também um espaço de resistência, de expressão e de subjetividade.



Academia Volta-redondense de Letras

Diante da objetificação e da opressão que este corpo-poema frequentemente enfrenta no sistema de saúde, a prática do cuidado baseado em narrativas surge como um farol de esperança. Ao valorizar as narrativas dos pacientes, essa abordagem busca ir além da "história única" da doença, reconhecendo a complexidade e a riqueza de cada indivíduo. O cuidado baseado em narrativas convida-nos a escutar com empatia as múltiplas histórias que o corpo-poema carrega, resgatando a dignidade e a igualdade na relação entre médico e paciente.

O cuidado, nesse contexto, revela-se como uma metatecnologia, uma tecnologia primordial e essencialmente humana. Não se trata apenas de aplicar técnicas e protocolos, nem de deixar de aplicá-los, mas de construir uma relação de respeito e reconhecimento com o corpo-poema, que é singular a cada um. É um cuidado que se preocupa com o bem-estar integral do indivíduo, considerando suas necessidades emocionais, sociais e existenciais.

A ética do cuidado, por sua vez, convida-nos a questionar as práticas de cuidado que desrespeitam a autonomia deste corpo-poema. É uma ética que valoriza a honestidade, a clareza e o respeito à dignidade do paciente, reconhecendo seu direito de fazer escolhas sobre sua própria vida e seu próprio corpo.

Cuidar do corpo-poema é, portanto, um ato de amor e de respeito à vida em sua plenitude. É um convite a dançar com as palavras que o corpo sussurra, a decifrar os versos que ele escreve em cada gesto, em cada olhar, em cada suspiro. É um retorno ao cuidado como essência da prática, como uma metatecnologia que nos permite compreender o ser humano em sua totalidade, celebrando a estética e a ética que emanam desse corpo que é, em si, uma obra de arte e, ao mesmo tempo, um objeto de resistência política e social.

Rio de Janeiro, 24 de março de 2023.